

Entre a “balada” e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes

Ana Maria Stucchi Vannucchi*, São Paulo

A autora discute, neste trabalho, questões fundamentais com as quais se defronta o analista de adolescentes, diante dos riscos que a experiência adolescente necessariamente oferece.

Utiliza como objeto de reflexão, dois casos clínicos, de Sônia e de Wanda, que, com características praticamente opostas, ilustram várias situações de risco, seja no sentido do excesso, seja no sentido oposto, da inibição, do recolhimento.

Procura mostrar que o analista de adolescentes não pode se omitir, quando se defronta com uma situação de risco iminente para o adolescente, especialmente quando isso envolve o uso indiscriminado de drogas, da sexualidade, ou da própria vida. Acredito que o perigo deva ser claramente mencionado, de forma delicada, mas firme. O mesmo ocorre no outro extremo, em que a inibição para o desenvolvimento precisa ser apontada para que os aspectos fóbicos em relação ao crescimento possam ser elaborados e superados. Dessa forma, considero a análise de adolescentes um “fio de navalha”, em que a omissão pode ser desastrosa, mas, por outro lado, uma interferência frontal pode inviabilizar o trabalho. Caminhamos, portanto, nessa corda bamba onde a flexibilidade do analista é fundamental para favorecer o desenvolvimento de uma identidade plena e aberta a novas potencialidades.

Unitermos

Adolescência • riscos na adolescência • excessos • inibições • flexibilidade do analista.

Caminhante não há caminho,
Se faz caminho ao andar
A. Machado

Este trabalho nasceu de minha experiência clínica com pacientes adolescentes e da necessidade de refletir sobre ela, no sentido de integrá-la à minha própria experiência passada como adolescente, e às indagações e reflexões dos colegas.

Considero o período da adolescência particularmente difícil, em que predomina o medo do desconhecido e do novo, especialmente dos aspectos pulsionais – libidinais e agressivos – que emergem no que Ferrari (1996) denominou o Segundo Desafio, ou

* Membro associado da SBPSP

seja, o trabalho imposto à mente, pela emergência de um corpo adolescente pleno de transformações e necessidades. Tudo depende da possibilidade de essa mente acolher e elaborar essas solicitações, ou então negá-las ou dissociá-las, para que possa ocorrer o desenvolvimento de uma identidade pessoal, que sirva de bússola a cada um de nós para enfrentar as vicissitudes da vida. Não falo de algo uno e monolítico, mas sim do desenvolvimento de vários aspectos relacionados aos processos identificatórios, reunidos em torno de um núcleo que possa trazer alguma integração e não uma coerência forçada.

Em função disso, considero que a possibilidade de ter acesso a uma psicanálise ou psicoterapia na adolescência, de ter uma conversa íntima e sincera com alguém mais experiente, que não sejam os próprios pais – em que as questões de controle moral ficam em geral mais evidentes – se configura como uma grande oportunidade de ser acompanhado, de pensar e refletir sobre o momento vivido, de ter essa experiência sem necessariamente ser subjugado a determinadas normas e valores. Vale a pena lembrar aqui que Meltzer (1998) não se mostra muito convicto das reais possibilidades de ajuda de uma psicanálise de adolescentes: “o método psicanalítico não é particularmente eficaz para investigar a adolescência” (p. 83.). O adolescente move-se, para esse autor, entre as quatro comunidades sociais – infantil, adulto, adolescente e isolado – sendo que cada uma delas comporta um determinado estado de mente, os quais são muito diferentes entre si, o que dificulta muito o trabalho do analista de adolescentes: “o adolescente se sente atormentado e sente que ninguém pode ajudá-lo” (p. 88). Na minha experiência, porém, percebo que com vários jovens a possibilidade de ajuda surge e é bastante útil, sendo possível rever normas e valores e oferecer subsídios para a mente acolher e integrar as demandas pulsionais e sociais que pressionam o adolescente.

Uma outra fonte de estímulos para esse trabalho constituiu-se nas contribuições dos colegas que têm refletido recentemente sobre o tema.

É interessante observar como os analistas de adolescente estão de acordo com relação à necessidade de flexibilidade do analista no trabalho clínico com adolescentes, bem como quanto ao uso de bom senso, de liberdade e de sinceridade por parte do analista. Além disso, debatem-se entre a necessidade de apontar claramente para os pacientes os riscos em que estes se envolvem, e o perigo de exercerem seu trabalho de maneira super egóica e moralista (Fontes, 2001; Orsini, 2000; Casseb, 2002).

Outra questão que surge com insistência na bibliografia consultada, diz respeito à dificuldade de discriminar manifestações de caráter basicamente psicótico, dos estados mentais característicos e particulares da adolescência. Além disso, menciona-se a diferenciação sutil, mas fundamental, entre o *acting out* e as ações necessárias para experimentar e conhecer o mundo (Ferrari, 1996; Meltzer, 1998; Guignard, 1997; Favilli, 2001).

Acredito que esses momentos psicóticos se refiram a aspectos destrutivos, onipotentes, impulsivos, que emergem dissociados da personalidade como um todo, comprometendo o contato do adolescente consigo próprio, sua vida mental e o meio que o circunda.

Penso que esses aspectos originam-se às vezes de um processo de negação da morte, e que é tarefa do analista mostrá-los ao adolescente, com delicadeza e firmeza. Por outro lado, acredito que o medo excessivo da morte – e também da vida –, gerador de inibição, repressão e dissociação dos aspectos vitais, seja igualmente prejudicial ao desenvolvimento do adolescente, e também deva ser objeto de cuidado por parte do analista.

Vou discutir, a seguir, vinhetas de dois casos clínicos em que esses elementos surgem em oposição, de maneira que possamos refletir sobre as questões anteriormente colocadas: se é possível pensar numa crise adolescente que não envolva riscos, e como se situa o analista de adolescentes diante disso. Sônia e Wanda se colocam, no meu modo de ver, em dois extremos desse contínuo.

Sônia me procura para análise aos 14 anos, por sugestão da mãe. Sua queixa inicial recaía na necessidade de mudar de escola, porque se sentia desintegrada e desadaptada entre os colegas. Não sabia bem por que. Quando chegou para atendimento, essa decisão já havia sido tomada pela família e não tivemos oportunidade de conversar sobre ela.

Sônia era boa aluna, inteligente e “viva” e se saía muito bem nos resultados escolares, tendo logo se adaptado à nova escola.

Aos poucos, porém, os mesmos problemas que motivaram sua saída da escola anterior, não tardaram a surgir: o sentimento de ser discriminada e criticada pelas colegas.

Conversando sobre isso, ao longo de vários meses, Sônia começou a se dar conta de que suas dificuldades eram provenientes do relacionamento com os rapazes, pois “ficava” com vários deles indiscriminadamente, inclusive na mesma festa: “eu queria muito me apaixonar por um cara só, mas é só me interessar, ficar com ele, que já aparece outro e eu acabo ficando com ele. Às vezes transo com dois ou três no mesmo dia”. “Eu não suporto mais as fofocas das meninas, estou com muita raiva delas, que me chamam de ‘dadeira’ e ‘galinha’. Até alguns meninos entram nessa, mesmo uns que são meus amigos”.

Essa questão passou a ocupar o lugar central das nossas conversas, evidenciando muita angústia por parte de Sônia. Os mesmos fatos se repetiam à exaustão, sugerindo que a paciente vivia com intensa impulsividade a necessidade de experimentar seu corpo, sua sexualidade e feminilidade, mas o fazia de uma forma em que a experiência se esgotava em si mesma, sem a possibilidade de alcançar significação e representação, levando-a ao vazio e a um sentimento de inadequação que se confundia entre o ódio e a culpa persecutória.

Isso sugere uma ausência de contato entre mente e corpo, a impossibilidade de usar a mente para elaborar, conter e significar as solicitações provenientes do corpo, e um contato confuso consigo própria, que se expressa na dificuldade de exercer suas próprias escolhas, e que deve ser apontado pelo analista, ao nível intrapsíquico, sem incluir, logo de início, a figura do analista e a referência às vivências transferenciais.

Se pensarmos no referencial de Bion (1962), conjecturamos uma experiência emocional de concretude, sem a possibilidade do uso da função alfa, que lhe possibilitaria significá-la, sonhá-la e aprender com ela. Dessa forma, a experiência sexual mecânica precisava ser repetida em busca de um sentido emocional ainda inalcançável.

Acredito que as mudanças constantes de parceiro se devam à busca de apoio contra o isolamento afetivo, por meio do contato físico, ânsia em ser compreendida e em integrar-se psiquicamente. Além disso, essa situação psíquica pode ser pensada como uma negação da depressão, da solidão, em que a masturbação é substituída pela masturbação recíproca. Como lembra Meltzer (1998), “a passagem da sexualidade adolescente para a sexualidade adulta envolve a convicção de que uma relação entre corpos se traduzirá mais tarde num encontro entre mentes, e que esse poderá transformar-se num encontro prazeroso entre corpos. Essa transição implica poder tolerar gradualmente, vários sentimentos depressivos” (p. 180).

Penso que a relação de parceria e intimidade afetiva, tão desejada pelos jovens, é também objeto de muito medo, o que pressiona os jovens, como Sônia, para a troca constante de parceiros: o que poderia ser, por um lado, uma experiência necessária, torna-se, por outro, uma oportunidade de desintegração e cisão.

Que difícil era para mim lidar com essa situação de risco, sem uma interpretação superegógica! Refiro-me aqui a uma interpretação moralista, que tenha por função um desencargo de consciência e uma defesa do analista, em vez de contribuir para ampliar a percepção do adolescente, oferecendo-lhe possibilidades de escolha e elaboração pessoal. No entanto, acredito que essa recusa da integração corpo/mente, por um lado, e a impossibilidade de “sonhar” a experiência vivida com seus parceiros, por outro, causava enorme dor mental, e oferecia vários riscos; por essa razão era, no meu entender, algo a ser apontado por mim. Para que a análise ocorra, “é necessário que o paciente esteja vivo”, por isso é necessário também apontar o risco observado para além de regras técnicas estritamente psicanalíticas (Fontes, 2001, p. 9).

A – “Você sente falta de um príncipe encantado, por quem possa se apaixonar perdidamente... Enquanto espera o príncipe, a Branca de Neve vai transando com todos os anões que aparecem, o que serve para passar o tempo, mas a deixa muito insatisfeita e culpada”.

S – “É mesmo Ana, eu não consigo, quando fico com um, eu logo acho que o outro é mais legal e vou mudando”.

Percebe-se que esse “fazer” compulsivo a deixa confusa e perdida, gerando sentimentos de culpa e desvalia, bem como ataques à sua feminilidade nascente.

S – “As minhas amigas namoram, conseguem ficar um tempo com um cara legal... eu não consigo... nunca namorei ninguém... é por isso que elas falam mal de mim. Outro dia, um amigo meu disse que eu era uma “piranha” para uma colega minha de classe: ele vai na minha casa e ainda fala isso de mim?”

Fica claro que sua angústia básica, fruto de um conflito interior entre aspectos psicóticos e não-psicóticos (Bion, 1967) é deslocada para o grupo, “que fala mal dela” e que a discrimina. Como porém abordar essa questão, sem que a analista seja vivida como uma de suas amigas fofoqueiras e invejosas de sua performance sexual e de seu poder de sedução? No entanto, via-me diante de um risco real de desintegração, fragmentação e desrespeito da paciente consigo própria, que precisava ser mencionado.

A – “Você se sente mal, passando de mão em mão como uma boneca exposta na vitrine de uma loja, que a gente coloca onde quer, sem que ela escolha onde quer ficar. Você fica chateada porque sabe que não é uma boneca, mas uma moça que pode escolher”.

Aos poucos surgem também referências ao ambiente familiar e social, que de certa forma ratifica esse comportamento e a mudança constante de parceiros; oferecendo a Sônia um modelo que ela ainda não tem condições de elaborar e integrar em sua vida mental. Algo que envolve voracidade e esvaziamento concomitantes.

Surgem também drogas, bebidas alcoólicas e experiências de violência que envolvem maior risco: pixações noturnas e armas de fogo. Além disso essas experiências envolvem a sensação de onipotência e superioridade moral.

S – “Um dia, a gente estava saindo de uma festa, todo mundo bêbado e fumando. Resolvemos sair na rua e puxar os muros. Os vizinhos acordaram e um deles começou a atirar. Morri de medo, fiquei na esquina, escondida atrás de um muro. Chamaram a polícia, e eu continuava lá. Sorte que depois um amigo me viu e me levou para dentro da festa de novo. Eu fiquei com tanto medo, que pedi para o meu irmão não contar nada para o meu pai, ele ia me proibir de sair por vários meses...”

A – “Você achou que podia brincar de pelotão de fuzilamento e viu que não dava, que era de verdade, que a vida é frágil e delicada...”

Sônia chora muito, comovida, parecendo perceber o risco em que “se meteu”, mas logo na semana seguinte surge uma outra balada perigosa, uma festa sem adultos, na casa de uma amiga, onde o quarto de casal era disputado a socos pelos casais presentes.

A solução evoluiu para um “quase bacanal”, interrompido por outra briga, que acabou na delegacia do bairro, por interferência dos vizinhos.

Sônia se assusta muito com essa experiência, porém o fascínio da liberdade e da aventura exerce enorme atração. Como modular a intervenção do analista numa situação como essa? Como evitar, ao mesmo tempo, o moralismo preconceituoso e a omissão? Acredito que minhas interpretações anteriores tenham reconstruído os “pais internos”, porém sem a permanência necessária para dar continuidade à função mental

de preservar a vida e evitar estragos. Isso, porém, me parece constitutivo do funcionamento mental humano com sua mobilidade e oscilações constantes, ficando ainda mais evidentes na adolescência.

Num certo momento, em que os aspectos de risco foram evidenciados, Sônia reage ameaçando largar a análise: “Acho que não preciso mais, já passou o pior período!”

A – “Você ficou chateada comigo, quando eu falei do risco de vocês andarem de moto bêbados, quando ocorreu aquele acidente, do qual você escapou com ferimentos leves. Mas podia não ter sido assim. Sei que é insuportável ouvir isso, porque você se sente muito culpada e irresponsável com sua própria vida...”

S – “É mesmo Ana, eu fiquei com uma puta raiva, será que você não percebe que todo mundo faz isso?”

A – “É, mas você não é todo mundo, você é a Sônia, né?”

Sônia fica em silêncio e chora.

A – “Percebo que para você é muito difícil se equilibrar nessa gangorra, entre a aventura, a busca, e o cuidado consigo própria...”

Acredito que, para além das normas técnicas, está a personalidade do analista e a possibilidade de falar sincera e firmemente, mas com doçura, do que está observando. De ser um interlocutor verdadeiro para o adolescente, coisa que em geral ele não tem, pois com os pais prevalece a angústia, o medo e a tentativa de controle, e com os amigos prevalece o grupo, com seus supostos básicos que dificultam o assumir da individualidade.

Tenho observado, em meu trabalho clínico, que se o analista se omite demais, a análise perde muito em utilidade para a vida do paciente.

Por outro lado, se o analista carrega muito nas cores, o adolescente não suporta o trabalho analítico. É esse o fio da navalha em que nos encontramos. Um fio tênue, que gravita entre o terapêutico e o pedagógico, o verdadeiro e o intrusivo.

Ao final da sessão, Sônia diz:

S – “É Ana, nessa gangorra louca eu posso levar um baita tombo e me machucar muito...”

O trabalho prossegue, junto com a busca de um parceiro amoroso mais estável. Recentemente, Sônia chega ao consultório com um texto de Carlos Drummond de Andrade, intitulado “Quando encontrar o amor”, que terminava assim: “Não deixe que as loucuras do dia-a-dia o deixem cego para a melhor coisa da vida: o amor”.

Sônia lê e relê essas frases dizendo: “Acho que alguma coisa está mudando em mim, fiquei muito comovida quando li esse texto e decidi trazê-lo para você... a gente tem falado tanto disso”.

E assim o trabalho com Sônia prossegue, compartilhando comigo seu desenvolvimento, ora harmonioso, ora cheio de percalços e dificuldades, como a própria vida.

Com Wanda, parece ocorrer o oposto, situação que, no meu modo de ver, envolve também muitos riscos, desde uma severa inibição no seu desenvolvimento, até a impossibilidade de tornar-se uma mulher adulta e plena em suas potencialidades.

Wanda procurou-me aos 15 anos e meio, queixando-se de que “não estava aproveitando a vida direito”, de que não tinha namorado e se sentia gorda e feia, sempre prejudicada em relação às amigas. Conta que nas festas elas sempre faziam “concurso de beijo” (quantos meninos cada uma conseguia beijar na festa) e que ela sempre perdia. Considera as amigas “maravilhosas”, “para elas tudo dá certo” e “nunca vivem problemas e dificuldades”.

Na escola – atualmente está no terceiro colegial – parece ser uma aluna mediana. Nunca repetiu de ano, apenas “pegou” algumas recuperações durante o colegial, o que não ocorria no ginásio. Wanda reclama, porém, que sempre vai mal e que fica com medo de não passar de ano.

Tenho constantemente a impressão de que ela coloca “lente de aumento” para ver suas dificuldades e pontos fracos, revelando um amor próprio muito precário e frágil.

Muito bem educada, no sentido formal da palavra, revela muita “cerimônia” comigo e pouca liberdade de dizer o que pensa e sente, com medo de que isso possa desagradar aos outros ou mesmo a mim.

No início do trabalho, Wanda trazia vários relatos de fatos ocorridos em sua vida, especialmente de situações vividas com as amigas, em que ela as criticava, geralmente no sentido moral, e se achava “certa”, “pedindo” a mim que ratificasse sua opinião.

Aos poucos foi ficando clara sua necessidade de se defender de algo muito desejado (uma situação de maior liberdade), e de como era difícil ser livre consigo mesma e comigo. Wanda refere-se a um clima familiar de muita severidade e austeridade (no sentido moral), mencionando a rigidez dos pais ao proibirem que ela viaje com as amigas ou mesmo durma na casa delas depois de programas e baladas. Fica evidente para nós sua ambivalência em relação a essa liberdade, sua dificuldade de lutar pelo que quer e deseja, “arrumando” sempre algum motivo para deixar de fazer o que quer. Essa ambivalência se manifesta especialmente entre dependência e independência, desejo ou medo de crescer, ser menina ou ser mulher etc.

No âmbito da relação analítica foi se explicitando aos poucos uma relação de idealização. A analista, tal como suas amigas, era bela, perfeita e não vivia dificuldade de espécie alguma. Esse modelo foi sendo mostrado e conversado, o que permitiu a Wanda uma relação de maior intimidade e sinceridade comigo, tendo ela inclusive decidido abolir os três beijinhos formais que me dava no início de cada sessão:

W – “Sabe Ana, eu percebi que não tem nada a ver eu te dar esses três beijinhos, você não é minha amiga, é uma coisa bem diferente, mais profunda e íntima. Eu não vou te dar mais os três beijinhos...”

Aqui vemos que havia apenas uma aparente intimidade, uma mera formalidade.

Vai ficando evidente a falta de liberdade de Wanda consigo própria e a repressão/dissociação a que submete suas fantasias e necessidades afetivas e sexuais, manifestando o predomínio de aspectos superegóticos muito rígidos, anteriormente identificados com padrões parentais. Wanda encontra-se ainda fortemente ligada ao grupo familiar, “esperando” que os pais a introduzam na vida adulta e lhe “mostrem o mundo”. Acredita que deva seguir as ambições e aspirações dos pais, escolher uma carreira valorizada pela família e encontrar um parceiro aprovado pelo grupo familiar. No entanto, vemos que Wanda se debate com isso, buscando “sair” do grupo familiar e inserir-se no grupo adolescente, por meio dos protestos e da busca de liberdade: parceiro não aprovado pela família (rapaz negro), escolher música como profissão e ter sua banda etc. Encontra-se ainda muito dividida entre os valores familiares e sua própria identidade em formação.

Aos poucos, Wanda começa a se sentir mais livre para aproveitar festas e baladas, dançando, “ficando” e, às vezes, bebendo bebidas alcoólicas, experimentando maconha ou lança-perfume. A noite, em seguida a essas baladas, é terrível: Wanda não consegue dormir, se debate na cama, bate-se na parede e puxa os cabelos, maltratando-se ao extremo e revelando a luta interior vivida por ela. Essa vivência remete ao modelo de culpa e autoflagelação que se instala consecutivamente a uma experiência prazerosa, expressando a severidade do seu superego.

Wanda revela uma visão bastante negativa dos rapazes e do mundo masculino, como se eles tivessem apenas interesse em contatos puramente sexuais e não afetivos, cindindo dessa forma sua sexualidade: os aspectos afetivos seriam femininos, e os eróticos e sexuais, masculinos, o que revela uma profunda e empobrecedora dissociação em sua identidade de gênero. Assim sendo, um namorado é o que ela mais deseja, mas, ao mesmo tempo, o que mais teme.

Preocupa-se muito que, se ela arrumar um namorado, vai ter problemas: como ela vai fazer? Transar com ele? E aí, como fazer se sabe que não pode contar para a mãe, que não aceitaria? Seus pais me parecem realmente muito conservadores, mas Wanda parece ter poucas condições de sustentar atitudes próprias que façam confronto com as atitudes parentais, podendo dessa forma responsabilizar-se por sua própria vida.

Recentemente relata um sonho revelador a respeito dos conflitos que rondam sua sexualidade e o desenvolvimento de sua identidade como mulher:

W – “Estava numa festa-baile, que estava ótima, com muita dança e os rapazes super animados. De repente a sala virou um aquário, as portas se fecharam e encheu de água: apareceram vários tubarões que perseguiram as meninas e arrancavam pedaços; os meninos sumiram, só sobrou a professora de música (que ela adora, mas também tem pena)¹ tentando ajudar a gente. Foi horrível! No fim eu consegui fugir por uma pequena porta lateral, mas a festa acabou!!”

A – “E de onde surgiram esses tubarões?”

1. Acredito que a pena se refira a aspectos “desvalorizados” da feminilidade: ganhar pouco, ser ridicularizada pelos meninos da classe, chorar em público etc.

W – “Sei lá, era no meio da dança...”

A – “Você já viu tubarão dançando?”

W – “É tem gente que chama homem paquerador de tubarão...”

A – “Pois é, será que aí também tira pedaço?”

W – Dá uma risada gostosa e diz: “Ainda bem que ainda vai ter muita festa na minha vida...” (o que nos oferece uma perspectiva de futuro e de mudanças).

A – “E você vai poder ter menos medo dos tubarões e até rir deles!”

Numa sessão no início de março, Wanda chega alegre, solta o cabelo num gesto lânguido e dá um sorriso.

W – “Sabe o Ric? Eu achei que ele não ia me ligar mais, lembra? Eu estava super deprê e desanimada, eu sempre fico assim. Logo depois do carnaval ele ligou, mandou e-mail e eu não respondi. Fiquei contente de novo, mas agora eu desanimei, não adianta mesmo, eu desisti de novo...”

A – “Você chegou, soltou o cabelo bem bonito e sorriu um sorriso nem um pouco desanimado! Não parecia estar desistindo não!!”

W – “É, mas eu fico oscilando, desânimo/ânimo, não sei por que eu sou assim!!”

Falo do modelo da planta que depende da água para não murchar, e que em alguns momentos ela não acha dentro de si própria, água para regar-se e manter o ânimo.

W – Fica quieta, olhando o chão e diz: “Acho que sim... Eu acho que nunca eu vou achar alguém que queira namorar comigo... Já minhas amigas têm um namorado atrás do outro”.

A – “Provavelmente você imagina que as suas amigas não têm problema, que eu não tenho, ninguém tem, só você... Será verdade?”

W – “Ah, você não tem mesmo! Eu acho que você é perfeita, feliz, resolvida!! Dá uma risada e completa: eu sei que você é uma pessoa normal, às vezes eu acho que você está triste, cansada, mas é difícil eu te ver assim, como uma pessoa normal...”

A – “É difícil, mas às vezes você vê, né?”

W – “É...” fica pensativa.

Vê-se, nesse trecho, que aos poucos a relação analítica abre espaço para uma desidealização da analista, necessária para o desenvolvimento da paciente. Em seguida Wanda menciona que “nunca luta pelo que quer”, manifestando com isso um amor próprio muito prejudicado e uma percepção não condizente com a realidade. A analista interfere:

A – “Não é verdade que você não vai atrás do que você quer. Lembra da guitarra, que você queria tanto e conseguiu convencer sua mãe, comprar uma, e até montar uma banda?”

W – “É mesmo, com o golfe foi a mesma coisa, liguei para várias pessoas até conseguir uma indicação de Escola de Golfe e agora estou fazendo... Mas os professores dizem: falta intensidade, põe garra nisso...”

A – “É, mas você teve garra para fazer tudo isso, que sua mãe inclusive era contra.”

W – “Sim, mas em namoro eu estou atrasada mesmo (Fica em silêncio e continua falando da irmã). Você vê a minha irmã, eu acho que ela fica com inveja, ela fala que o Ric é bobo e qualquer cara que chega perto de mim é bobo. Eu agora prefiro não contar nada para ela.”

A – “Será que você tem medo de deslanchar na frente dela?”

W – “Eu já deslanchei, mas eu me sinto mal, ela está muito gorda, ela é mais velha que eu e nunca namorou...” Fica em silêncio e diz: “Parece até concurso para ver quem fica mais grudado no papai e na mamãe.”

Aqui surge claramente o medo de crescer, o aprisionamento à situação edípica, impedindo o lançar-se na experiência adolescente de forma mais livre.

Wanda tenta, mas com muito medo, aventurar-se, o que às vezes se transforma num “tiro pela culatra”, porque a deixa com a sensação de rejeitada, incompetente etc.

Acredito que aqui, contrariamente à análise de Sônia, uma das funções mais requisitadas do analista seja estimular a percepção da vitalidade, da sensualidade, das potencialidades, como parecem sugerir as referências à banda, ao golfe etc. Trata-se, de certa forma, do lado do avesso, pois o sentimento de inadequação e desvalia é grande, e cruel a severidade do superego. Vale a pena lembrar que o perigo de um superego rígido e arcaico não é apenas o de inibir o desenvolvimento, a experiência e os processos de simbolização, como vemos em Wanda, mas também o oposto, pressionando o adolescente rumo a atuações violentas, de forma reativa. Esse parece ser o caso de Sônia, em que o ambiente parece favorecer o estabelecimento de uma liberdade precoce, que ela ainda não tem condições de administrar internamente. Em ambos os casos, podemos considerar que o desenvolvimento de um superego “útil”, nem rígido, nem permissivo demais, poderia auxiliar e balizar o percurso dessas adolescentes em direção a uma vida adulta plena e saudável.

Também podemos supor, neste trecho, que os aspectos vitais e sensuais vividos por Wanda são difíceis de serem tolerados e elaborados, sendo projetados nas amigas e também na analista, por identificação projetiva, e em seguida invejados e odiados. A questão que se coloca é a da possibilidade de reintegrá-los, permitindo o desenvolvimento da sensualidade, elegância e feminilidade de Wanda. O modelo oferecido, da água para regar as plantas, procura dar à analisanda uma oportunidade de considerá-los e reintrojetá-los, ao perceber a existência da própria vitalidade e da possibilidade de utilizá-la. Gostaria de considerar, aqui, que uma das funções do analista é acompanhar o adolescente no seu trajeto de vir-a-ser, de querer e não querer ser, pois embora todo ser humano esteja em constante transformação, esse devir é o elemento que mais se destaca no período da adolescência, o movimento em direção a uma identidade mais consistente e estável.

Numa sessão posterior, Wanda chega dizendo:

W – “O dia de ontem foi péssimo. De manhã organizei uma festa de aniversário na escola para a Paula, que ela não ia comemorar, e eu fiquei com pena. Depois, na hora do recreio, saiu uma briga entre os meninos no *hand-ball*, e eu fiquei aflita e fui apartar. Ninguém se mexia, os caras estavam se batendo! Resultado, quem levou empurrão e cotovelada fui eu. À tarde, eu fui visitar um primo no hospital que tinha sido operado de apendicite. Eu não podia deixar de visitá-lo. Depois fui dar aula no Supletivo noturno (alfabetização de adultos) e fiquei exausta. A Bruna até disse: vamos faltar hoje, mas eu não quis faltar. Quando cheguei em casa, tomei banho e fui estudar, que tinha prova no dia seguinte: e aí não consegui estudar nada, assim não dá. Começa a chorar copiosamente. Depois de alguns minutos diz: “Ninguém gosta de mim, ninguém liga, na escola, em casa, em todo lugar! Minhas amigas estão estranhas, se preocupam só com elas, o Ric não liga para mim, e em casa deu uma briga com a minha mãe e a minha irmã, que eu estou sem falar com elas há uma semana...”

A – Pergunto se ela reparou que cuidou “dos outros” o dia inteiro e se sentiu mal cuidada, mal amada, “parece não ter sobrado nada para você”.

W – “Fica em silêncio, pensativa e diz: eu não tenho muito sonho, eu não quero nada, não desejo nada, estou desanimada...”

A – “Será mesmo? Acho que você ficou também chateada comigo, me pediu uma mudança no horário, eu não pude fazer, talvez você sentiu que eu não me lembrei de você. Mas você me poupa não reclama e, em vez disso, pede desculpas por ter chegado atrasada, como no início da sessão.”

W – “É Ana, eu fiquei chateada sim, tive que correr muito para fazer o passeio com a escola e não perder a sessão... eu não sei reclamar com você, mas é verdade, eu pensei que você tinha esquecido.”

Wanda fica em silêncio e o clima da sessão muda.

Wanda volta a falar do Ric, da sua vontade de namorá-lo e do medo que sente de crescer e sentir-se só, sem a proteção dos pais.

Após um breve silêncio.

W – “E não é só nisso... eu gosto tanto de música, queria ser cantora, estudar música, mas acho que se eu escolhesse mesmo música, ia sair uma guerra lá em casa...”

A – “Você sente necessidade de fazer seu próprio caminho, suas próprias escolhas, diferentes de seus pais, seus amigos, mas você tem medo de ficar em conflito com eles e com você mesma, culpada e sozinha. Então fica boazinha, cuidando de tudo, colocando panos quentes, e aí parece que nada tem importância, nem parece ser você mesma...”

W – Dá risada. “É Ana, acho que pode ser mesmo. Agora estou mais animada... Foi bom ter vindo, mesmo tendo que chegar atrasada. Eu sempre acho que reclamar para você não vai ser bom, eu vou ficar chateada, você também, mas acho que foi melhor...”

Percebe-se que, neste trecho surge alguma possibilidade de utilizar sua agressividade de forma construtiva, seu desejo de contrapor-se aos pais (guerra), sua

reclamação em relação à analista, por não ter atendido seu pedido de mudança de horário. Podemos observar que essa capacidade incipiente de luta, ao ser expressa, dá margem a uma conversa sincera e franca com a analista, fortalecendo a relação analítica e, conseqüentemente, o processo de aquisição de uma identidade mais forte e consistente por parte de Wanda. Isso nos permite pensar que o caminho a seguir com Wanda seja mesmo o de atenuar a severidade do superego (tanto no sentido libidinal, como no agressivo, ambos fundamentais para a vida), o qual, de maneira violenta e cruel, a atemoriza e impede de ter as experiências necessárias para conhecer-se e conhecer o mundo.

Podemos pensar que, nesta análise, estão em curso mudanças não apenas na crueldade do superego, mas também, de forma mais ampla, na “configuração egóica” (em que os impulsos do Id e a mediação do Ego adquirem maior força), e na “constelação edípica”, em que o papel de filha submissa e calada vai dando lugar a uma maior liberdade e autonomia, e o projeto de “ser mulher” vai ganhando espaço e consistência.

Numa sessão recente, Wanda chega com algumas frases atribuídas a Shakespeare, dizendo: “eu trouxe para ler com você, achei que tinha muito a ver com as nossas conversas!”

São elas:

“Depois de algum tempo, você aprende a diferença, a sutil diferença, entre dar a mão e acorrentar uma alma.”

“Aprende que falar pode aliviar suas dores.”

“Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm influência sobre nós, mas nós somos responsáveis por nós mesmos.”

“Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, algumas vezes você tem que aprender a perdoar-se a si mesmo.”

“Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar... Se não fosse o medo de tentar...”

Vale a pena observar que, na maioria delas, o que está em jogo é uma atenuação da severidade do superego, no sentido de aceitar as limitações de si própria e dos outros, de perdoar e perdoar-se, responsabilizando-se por si própria e pela própria vida mental, isto é, referenciais superegóticos úteis e flexíveis para o convívio e a vida futura. É aproximadamente essa a concepção de Athanassiou (1995) a respeito de um superego não tirânico: base do desenvolvimento cultural, das leis morais e da democracia, expressando um equilíbrio entre o desenvolvimento individual e a vida em sociedade.

Penso que a possibilidade de desenvolver um superego dessa natureza seria útil tanto para Wanda como para Sônia, e acredito que isso se relacione, de alguma forma, com a noção de bom senso, tão mencionada pelos analistas de adolescentes.

Ao final, parafraseando Orsini, (2000): “dar asas a Wanda e fazer pousar a Sônia”, constituem, no meu entender, a semente do bom senso, e o nosso trabalho clínico cotidiano com nossos adolescentes. Bion (1980) diz que ser psicanalista é ter a capacidade de pensar debaixo de um bombardeio: “o analista é treinado para pensar

enquanto está no meio destas emoções tempestuosas” (p. 77). Acredito que trabalhar com adolescentes é tentar ter bom senso na lâmina de um fio de navalha!

Isso requer liberdade pessoal e flexibilidade na relação com o superego institucional. Podemos lembrar também que a noção de bom senso nos remete à noção de senso comum, tão cara a Bion (1992), no sentido de uma experiência que pode ser “convalidada” por vários sentidos. Além disso ele se refere ao fato da interpretação psicanalítica ser baseada no “senso comum”, no sentido de ser comum aos analistas que fazem as mesmas observações e levantam as mesmas hipóteses clínicas (Bion, 1992, p. 10).

Podemos pensar então que o presente trabalho expressa a confluência de observações semelhantes, embora não coincidentes, e de preocupações teóricas, técnicas e éticas compartilhadas por analistas de adolescentes na atualidade.

Percebo que essa confluência emerge em meu trabalho como uma pequena luz na escuridão criada pelo desconhecido e pelo desamparo vividos a cada encontro com meus jovens pacientes. □

Between “going clubbing” and the Convent: considerations on the analysis of adolescents

In the present work, the author discusses the fundamental questions that adolescent’s analysts face in respect to the risks that adolescence experience necessarily presents.

I use two clinical cases as objects of study, Sonia’s and Wanda’s, who although presenting almost diametric opposed characteristics, illustrate several risky situations, either of excess or of its opposite, inhibition and seclusion.

I endeavor to show that the adolescent’s analyst cannot omit himself or herself when facing a potentially risky situation for the adolescent, especially when this entails the indiscriminate use of drugs, of his /her own sexuality or even of his /her own life. I believe the danger must be mentioned, delicately but firmly. The same occurs in the other extreme, in which inhibition to development must be pointed out, so that the phobic aspects in relation to growth can be elaborated and overcome. In this way, I consider the analysis of adolescents as a double-edged knife, in which if on one hand omission can be disastrous, on the other a frontal confrontation can make the work impracticable. We therefore walk on a very fine hanging line, in which the analyst’s flexibility is of utmost importance to enable the development of an identity at the same time defined and open to new potentialities.

Keywords

Adolescence • risks in adolescence • excesses • inhibitions • analyst’s flexibility.

Entre “la farra” y el convento: reflexiones sobre el análisis de adolescentes

La autora discute, en este trabajo cuestiones fundamentales con las cuales se depara el analista de adolescentes, frente a los riesgos que la experiencia adolescente necesariamente nos trae.

Utiliza como objeto de reflexión, dos casos clínicos, de Sonia y de Wanda, que, con características prácticamente opuestas, ilustran varias situaciones de riesgo, sea en el sentido del exceso, sea en el sentido opuesto, de la inhibición, del aislamiento.

Trata de mostrar que el analista de adolescentes no puede omitirse, cuando se depara con una situación de riesgo eminente para el adolescente, especialmente cuando eso envuelve el uso indiscriminado de drogas, de la sexualidad, o de su propia vida. Creo que el peligro debe ser claramente mencionado, de

forma delicada, pero firme. Lo mismo ocurre en el otro extremo, en que la inhibición para el desenvolvimiento precisa ser señalada para que los aspectos fóbicos en relación al crecimiento puedan ser elaborados y superados. De esta forma, considero el análisis de adolescentes “un cuchillo de doble filo”, en el que la omisión puede ser desastrosa, pero, por otro lado, una interferencia frontal puede inviabilizar el trabajo.

Camínamos, por lo tanto, en esa cuerda floja donde la flexibilidad del analista es fundamental para favorecer el desenvolvimiento de una identidad plena y abierta a nuevas potencialidades.

Palabras llaves

Adolescencia • riesgos en la adolescencia • excesos • inhibiciones • flexibilidad del analista.

Referências

- ATHANASSIOU, C. (1995). *Introduction a l'étude du surmoi – une revision théorique e. clinique*. Meyzie: Cesura Lyon.
- BION, W. R. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- (1967). *Volviendo a pensar*. Buenos Aires: Hormé, 1972.
- (1980). *Bion in New York and S. Paulo*. London: Clunie Press Perthshird.
- (1992). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- CASSEB, A. R. (2002). *Solidão na adolescência; apreciações psicanalíticas*. Trabalho apresentado em reunião científica na SBPSP.
- FAGUNDES, M. M. (2003). *Psicanálise – Prelúdio para a adolescência*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPSP.
- FAVILLI, M. (2001). Reflexões psicanalíticas sobre a adolescência: teoria e prática clínica. Trabalho apresentado no XVIII Congresso Brasileiro de Psicanálise da ABP – São Paulo.
- FERRARI, A. (1996). *Adolescência – O segundo desafio – Considerações psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- FONTES, M. H. S. (2001). *Algumas questões propostas como estímulo para uma conversa sobre análise de adolescente*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPSP.
- GUIGNARD, F. (1997). *O infantil ao vivo: reflexões sobre a situação analítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- LEVISKY, D. L. (1995). *Adolescência – Reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MELTZER, D & HARRIS, M. (1998). *Adolescentes*. Buenos Aires: Patia Editorial.
- ORSINI, C. M. de B. (2000). *Amanda – “dar asas para alguns e fazer pousar a outros”*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPSP.

Ana Maria Stucchi Vannucchi
Rua Benedito Lapin, 137
04532-040 São Paulo, SP
fapeu@uol.com.br

De quem é o desejo? A reconstrução do desejo na anoréxica

Regina de Baptista Colucci*, Marília

A autora se propõe a pensar os fenômenos vividos numa relação analítica em um caso de anorexia. Parte da percepção de que a analisanda não expressava desejos, fato que trazia reflexos no trabalho da dupla. A vida da relação e até a vida da própria analisanda, passaram a ser desejo da analista e dos pais, enquanto ela, de forma aparentemente passiva, controlava e agredia o setting, da mesma forma que se agredia, ao impor-se o sintoma que a trouxe. Atuava na relação o seu conflito. A dificuldade em deixar progredir e em desejar indicava o medo de ser separada e sozinha diante do novo e do desconhecido. A saída da infância e a entrada na pré-adolescência requerem uma estrutura mental possível para suportar o contato com a pressão interna das pulsões e a pressão externa das dificuldades para as quais é requerida.

Palavras-chave

Adolescência • anorexia nervosa • mutismo • negativismo • catástrofe.

Introdução

Pretendo contextualizar o difícil trajeto de uma analisanda anoréxica em construir seu próprio desejo, já que o anulava. Fazia crer que a ansiedade vivida em função de sua doença e o desejo de “cura” eram sentimentos dos pais. Projetava seus temores e se sentia livre da ameaça de morte. Eu, como representante dos pais, me via inundada pelo seu medo e anulada em meu trabalho. Ela assumia uma postura de exasperada obediência, mas a imobilidade de emoções, de idéias, a passividade e o silêncio, mostravam que a condução do trabalho ficava sob seu controle, mesmo que isso significasse morte.

Renata estava entrando na adolescência, fase na qual a irrupção pulsional própria desta idade ameaça romper o equilíbrio de defesas constituídas para dar conta das dificuldades de sobrevivência. Quando o equilíbrio é precário e se baseia na repetição de modos e padrões aprendidos (Meltzer, 1990, p. 16), existe o grande terror da eminência de uma catástrofe e a explosão subsequente que resulta na externalização daquilo que estava obstruído (Sapienza, 1997, p. 1.066). Esta explosão, quando

* Membro associado da SBPSP.